



Weberson Grizoste  
Renan Albuquerque

**Estudos  
Clássicos e  
Humanísticos  
& Amazonidades**

E82 Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades/ Organizadores Weberson Grizoste e Renan Albuquerque. - Parintins: Gráfica e Editora João XXIII; Manaus: EDUA, 2016.

219 p.; 21 cm

E-ISBN 978-85-7883-390-9

ISBN 978-85-7883-395-4

1. Literatura Clássica 2. Literatura Indígena 3. Comunicação – Aspectos sociais 4. Abordagem Interdisciplinar do Conhecimento I. Título. II. Grizoste, Weberson III. Albuquerque, Renan.

CDU 821.14'02 (8)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista **Daniele Canto Hagra**  
CRB11/726

# Primeiros passos de Dante ao lado de Virgílio na *Divina Comédia*

TADEU MACEDO\*

## Introdução

O título que proponho para esse artigo é óbvio para o leitor Dantesco, sobretudo aquele cuja primeira obra lida do autor tenha sido *A Divina Comédia*. Ao iniciar a leitura dessa grande obra da literatura ocidental, a figura do poeta latino Virgílio estará presente em quase toda a narrativa, guiando Dante pela incursão aos três mundos além-túmulo, em tese, aos dois primeiros na ordem dantesca: Inferno e Purgatório, saindo de cena no Paraíso, quando caberá a Beatriz e São Bernardo acompanhar Dante até o final da sua incursão.

A presença de Virgílio é fundamental para a viagem do poeta florentino, assegurando força e sustentação poéticas para que pudesse ultrapassar as intempéries impostas ao longo do trajeto; o poeta latino será o grande modelo, aquele cujo valor artístico norteia toda a escrita dantesca.

Or se' tu quel Virgilio e quella fonte che spandi di parlar sì

---

\* Doutorando em Estudos Clássicos pela UC, Portugal.

largo fiume?, rispuos' io lui con vergognosa fronte. O de li altri poeti onore e lume, vagliami 'l lungo studio e 'l grande amore che m'ha fatto cercar lo tuo volume. Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore, tu se' solo colui da cu' io tolsi lo bello stilo che m'ha fatto onore<sup>1</sup>.

Essa presença, notadamente detalhada no excerto acima, fica ainda mais clara na sequência de epítetos voltadas ao poeta latino quando da sua primeira aparição nos versos 77 a 87 do canto I da DC, “*quella fonte, largo lume, onore, mio maestro, mio autore*”<sup>2</sup>, alusões que nos direcionam a pensar que Virgílio foi o autor de maior predileção do poeta florentino, uma espécie de auctoritas<sup>3</sup>.

A força da poesia virgiliana está presente no Inferno e Purgatório como elemento motriz para esse projeto ousado – o de visitar os reinos dos mortos – e também profético exatamente pela intenção de Dante: a redenção. Impossibilitado de seguir diante das três feras que se opunham à sua trajetória; uma onça e uma loba, o poeta vê-se desencorajado a seguir, mas de repente foi-lhe ofertada uma visão: “*Mentre ch’i rovinava in basso loco, dinanzi a li occhi mi si fu offerto chi per lungo silenzio parea fioco*”<sup>4</sup>.

Esses versos preanunciam o aparecimento de Virgílio em cena, que em seguida será reconhecido e aclamado por Dante, dando uma espécie de vigor e esperança ao poeta diante das três feras que o

---

<sup>1</sup> Oh! és tu aquele Virgílio fonte que expande e alarga um rio de eloquência! Respondi com a cabeça baixa de vergonha. Oh! és dos outros poetas honra e lume (espelho). Valha-me o longo estudo e o grande amor que me fez buscar os teus escritos. Tu és o meu mestre e o meu autor, foi só em ti que retirei – imitei- o belo estilo que me honra. TRADUÇÃO NOSSA. Todas as traduções dos excertos de obras citadas presentes ao longo do texto foram traduzidas pelo autor.

<sup>2</sup> Aquela fonte, larga luz, honra, meu mestre, meu autor. (Inf: I. vv 84-85)

<sup>3</sup> Na Idade Média eram comuns transposições de autores do mundo antigo para aquele cristão a partir de interpretações intencionais. Também era típico dos escritores medievais apoiarem-se a uma autoridade para legitimar aquilo que afirmavam. (MACHI, 2009, p. 9).

<sup>4</sup> Me precipitava a retornar do baixo lugar, enquanto diante dos meus olhos foi ofertada a chama ou imagem em forma de chamas de alguém- em longo silêncio.

impediam. “Não mais homem sou, sendo que homem fui, de parentes lombardos tendo Mântua como pátria”<sup>5</sup> (INFERNO: Canto I, 67-69) ecoa nessa terça rima a voz do grande poeta da literatura latina, cuja frequência de intervenções ao longo dos dois reinos além-túmulo norteará a *ars poética* dantesca.

A voz virgiliana apresenta-se ao leitor dantesco definindo-se através das imagens e indicações para que não haja dúvida de qual poeta se trata na aparição. “*Nacqui sub Iulio, ancor che fossi tardi, e vissi a Roma sotto 'l buono Augusto nel tempo de li dèi falsi e bugiardi*”<sup>6</sup>.

Os espaços geográficos, assim como os elementos históricos apontados por Virgílio, explicam ao leitor que se trata do poeta latino escritor da Eneida. Dos versos 73 a 75 do canto I assim descritos: “Fui poeta e cantei do justo filho de Anchise (Eneias) que veio de Tróia, cidade destruída” confirmam ao leitor – sobretudo aquele leitor da Eneida – que a sombra que aparece a Dante é de fato Virgílio.

Essa força encorajadora surgida com a aparição de Virgílio fortalece o poeta italiano que ao ouvir os questionamentos acerca dos seus medos encontra na figura do guia uma alternativa para seguir viagem distante das feras, símbolos da avareza e luxúria. A alternativa apontada por Virgílio será tomar uma espécie de atalho, caso Dante deseje cumprir o seu escopo. “*A te convien tenere altro viaggio rispose poi che lacrimar mi vide, se vuo campar d'esto loco selvaggio; chè questa bestia, per la qual tu gride, non lascia altrui passar per la sua via, ma tanto lo 'mpedisceche l'uccide*”<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Nasci no tempo de Júlio César mesmo sendo tarde, e vivi em Roma sobre o tempo do bom Augusto no período do culto a deuses falsos e mentirosos. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>7</sup> A ti convém fazer outra viagem (no sentido de outro caminho), respondeu, logo que me viu chorar. ” Se queres sair deste lugar selvagem, onde a fera, que faz com que me chame, não deixa ninguém passar por seu caminho, tanto impedindo como matando. (Inf: Canto I 91-96).

A partir desses versos a presença virgiliana já se caracteriza como de alguém que se coloca como guia. Antes desse reconhecimento, o poeta latino traça uma explicação e aponta a figura de um veltro – um salvador – capaz de conduzir a Itália aos tempos de sabedoria e amor, uma Itália semelhante àquela dos heróis Camila, Eurilo, Turno e Niso. A confirmação da sua natureza de orientador e guia estão expressos nos versos seguintes, onde se ouve: “*Ond’io per lo tuo me’penso e discerno, che tu mi segui, e io sarò tua guida, e trarrotti qui per loco eterno*”<sup>8</sup>

O lugar descrito é o inferno, espaço tenebroso que nas palavras de Virgílio será: “lugar onde escutará gritos de desespero de antigos espíritos que se lamentam”<sup>9</sup>. Acerca desse caminho alternativo, possibilitador da purificação e abertura às verdades celestes, Giuseppe Ledda assim diz:

Ma è proprio grazie ala discesa nell’abisso del male e al rispecchiamento nell’umanità degradata dal peccato e dalla dannazione che egli può intraprendere poi un cammino di ascesa, dapprima di purificazione penitenziale , poi di progressiva elevazione cognoscitiva nelle verità celesti, sino ala visione della divinità<sup>10</sup>.

O primeiro guia de Dante será, portanto, Virgílio, cujo estilo poético fora exemplo para ele e seu tempo. O poeta da Eneida representa alegoricamente, segundo a tradição exegética, a razão. Além de poeta, Virgílio reúne características proféticas associadas na Idade Média a sua revelação acerca do nascimento de Cristo. Ele se

<sup>8</sup> Onde eu por você pensarei e discernirei o melhor, serei seu guia e te levarei daqui ao lugar eterno (nesse caso o inferno).

<sup>9</sup> Inf: Canto I 114-117.

<sup>10</sup> É certamente graças a descida no abismo infernal e ao espelhamento da humanidade degradada pelo pecado e pela danação que ele pode empreender assim um caminho de ascensão, antes de purificação penitencial, e logo mais de progressiva elevação do conhecimento das verdades celestes, até a visão de Deus.

torna uma espécie de mago-taumaturgo preanunciando, por exemplo na IV Écloga, o nascimento de um salvador, e a bem da verdade o poeta se referia ao nascimento do filho de Políone, escritor e político romano. Essas interpretações dão ao poeta latino e sua obra o lugar de destaque num período de intenso controle de obras de poesia e filosofia.

### Dante aceita o guia clássico

Após sua aparição, Virgílio propõe uma alternativa para que Dante siga a sua viagem ascética. O poeta latino traça o roteiro do percurso e antecipa alguns desígnios para que eles possam seguir. O poeta está ali como guia porque assim o quis alguém. Uma alma pia notou a aflição de Dante, por isso pediu a presença dele, “...uma alma pura e mais digna que eu deixarei contigo assim que partir”<sup>11</sup>, é de Beatriz que fala Virgílio, a musa do poeta florentino, cuja presença povoou a lírica dantesca do período do *dolce stil nouvo*<sup>12</sup>, particularmente nos poemas da *Vita Nuova*. Se Virgílio para as exegetas significava a razão, Beatriz<sup>13</sup> alegoricamente, era a fé, a teologia, a revelação, a sabedoria divina, a graça.

Embora simbolize a razão, fica claro para Dante e sua convicção religiosa que o poeta latino não poderá ultrapassar o Purgatório, pois ele não conheceu e nem professou a fé em Cristo, “...ché quello imperador che là sù regna. Perch’i’ fu’ ribellante a la sua legge, non vuol che ‘n sua città per me si venga”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Inf: Canto I 122-123.

<sup>12</sup> Movimento poético exclusivamente florentino, tendo como maiores representantes Dante Alighieri e Guido Cavalcanti.

<sup>13</sup> No final do Purgatório Beatriz conduz o protagonista ao estado final da purificação do pecado. Em vestes de sibila cristã, preside a sacra representação das vicissitudes do papado e profetiza – como Virgílio fez no Inferno– o advento de uma figura que traria a paz e a ordem no mundo (REYNOLDS, 2006, p. 363).

<sup>14</sup> Que aquele imperador que lá em cima reina, em que fui rebelde (desconheci) a sua lei – não

Certo do seu fatal andar, Dante evoca as musas<sup>15</sup> como símbolo da alta poesia. Sem elas a sua consciência não poderá descrever aquilo posto diante dos seus olhos. À evocação, as musas acompanharam os poetas épicos ao longo da tradição ocidental, esse engenho exige a participação dessa divindade no ato de composição, cujo papel é conceder à memória uma característica sobre-humana. A memória é um elemento importante para o poeta da Eneida e será também para Dante, pois pretendem narrar acontecimentos de profundo peso para o leitor, lemos em Virgílio, “... *Musa, mihi causas memora*”<sup>16</sup>. Nesse verso, o poeta reconhece a profundidade e papel relevantes da memória, sobretudo para entender as causas, aquelas que levaram Juno a nutrir tanta ira por ele, dado que seu caminho estava traçado pelo fato<sup>17</sup>.

Já em Dante lemos “... *O muse, o alto ingegno, or m'aiutate...*”<sup>18</sup>. São as musas responsáveis também pela alta poesia, explicadas como propiciadoras do alto engenho, junto a elas Dante reconhece em Virgílio alguém capaz de julgar se a sua ars poética tem a virtude necessária, “*io cominciai: poeta che mi guidi, guarda la mia virtù s'ell'è possente, prima ch'a l'alto passo tu mi fidi*”<sup>19</sup>.

Pois o passo que pretende é descer ao reino dos mortos em corpo mortal, concedido apenas ao grande herói da Eneida, Eneias, que implora a Sibila o caminho para que possa ver o rosto do pai,

Ut primum cessit furor et rabida ora quierunt

---

aceita a minha presença na sua cidade. (Inf. canto I; 124-126).

<sup>15</sup> As musas filhas de Zeus porta égide já estão presentes na tradição da poesia helênica deste Hesíodo. É na teogonia que elas são explicadas e a partir dali ganham notoriedade como promotoras do canto que embala o Olimpo.

<sup>16</sup> Musas as causas venham a minha memória. (Aeneida I. vv 23-24)

<sup>17</sup> Traduzida pela grande maioria dos latinistas, e com notável sentido, por destino.

<sup>18</sup> Oh musas! Oh alto engenho! me ajudem (Inf: I vv 67-78).

<sup>19</sup> Eu comecei: Poeta que me guia, julgue se a minha virtude é adequada, já que me confias, veja se posso dar esse alto passo.



Incipit Aeneas heros: Non ulla laborum,  
o virgo, nova mi facies inopinave surgit;  
omnia praecepi atque animo mecum ante peregi.  
Unum oro: quando hic inferni ianua regis  
dicitur et tenebrosa palus Acheronte refuso,  
ire ad conspectum cari genitori et ora  
contingat; doceas iter et sacra ostia pandas<sup>20</sup>

Essa concessão, em descer aos infernos, ainda corruptível, fora questionada por Dante quando ele assim responde ao poeta latino que propõe a descida ao mundo dos mortos: “*Tu dici che di Silvio il parente, Corrutibile ancora, ad immortale. Secolo andò, e fu sensibilmente*”<sup>21</sup>.

A descida de Eneias teve um propósito bem claro em termos proféticos, sendo possível graças, segundo Dante, a permissão do *l'avversario d'ogne male*<sup>22</sup> – Deus – cuja cortesia parece justificar também aquela dantesca, porém Dante reconhece que não sendo Eneias nem Paulo se sente indigno de fazer essa viagem. “*Ma io perchè venirvi? O chi 'l concede? Io non Enea, io non Paulo sono; me degnoa ciò né io né altri 'l crede*”<sup>23</sup>.

Anna Maria Chiavacci Leonardi, uma das grandes estudosas da *Comédia* na modernidade explica o passo acima como sendo uma

---

<sup>20</sup> Apenas cessado o furor e a raiva proveniente da boca, o herói Eneias começou: Não existe pena que surja com seu aspecto diante de mim seja nova ou inesperada. Todas eu previ, mas no meu espírito antecipadamente perecem. Só uma coisa te peço: Dado que aqui dizem estar a porta do reino infernal e do tenebroso palude onde deságua Aqueronte, uma viagem para que veja a face do meu querido pai me seja concedida; ensina-me o caminho das sagradas portas. (AENEIDA LIVRO VI 102-109).

<sup>21</sup> Tu dizes que de Silvio, o parente, ainda corruptível, por lá andou.

<sup>22</sup> Pode-se traduzir como adversário de cada mal, ou seja, uma metáfora para Deus. Nota-se que no Inferno é proibido mencionar o nome de Deus, de modo que em todo o percurso quando se faz referência a Deus o poeta lança mão de metáforas alusivas.

<sup>23</sup> Mas eu porque devo ir? Quem concede-me isso? Eu não sou Eneias, nem Paulo; nem eu nem outros são dignos disso.

dúvida para o poeta, o de se colocar no mesmo plano de Paulo e Eneias, ambos portadores de uma missão especial. É no *Paraíso* que o poeta vê uma certa similaridade entre o seu intento e daquelas duas autoridades que lá – no inferno- desceram (CHAIVACCI, 2007, p. 48). A força emblemática dos versos acima explica o significado de toda *A Divina Comédia*, sendo Eneias o representante do mundo pagão e Paulo cristão, ambos participando da cosmovisão de Dante.

O sentido redentor do texto dantesco encontra-se nas frequentes dúvidas<sup>24</sup> do poeta, sobretudo em dar um passo dessa natureza, produzindo uma obra com características salvíficas, por isso o seu guia o dissuade da natureza celestial da sua poesia quando assim diz,

S'i ho ben la parola tua intesa,  
rispose del magnanimo quell'ombra,  
l'anima tua è da viltade offesa;  
la qual molte fiате l'omo ingombra  
sì che d'onrata impresa lo revolve,  
come falso veder bestia quand'ombra

Da questo tema a ciò che tu ti solve,  
dirotti perch'io venni e quel ch'io 'ntesi  
nel primo punto che di te mi dolve  
Io era tra color che son sospesi,  
e donna mi chiamò beata e bella,  
tal che di comandare io la richiesi

Lucevan li occhi suoi più che stella;  
e cominciami a dir soave e piana  
con angelica voce, in sua favela:  
O anima cortese mantoana,  
di cui la fama ancor nel mondo dura,

---

<sup>24</sup> Para Alessandro Marchi as dúvidas de Dante são legítimas, pois se pretendia construir um poema em que o autor desce ao mundo dos mortos, dado que a poucos isso fora concedido, suas inquietações demonstram humildade, caso não as manifestassem seria pecador por soberba e presunção (MARCHI 2009).

e durerà quando 'l mondo lontano,  
l'amico mio, e non de la ventura,  
ne la diserta piaggia è impedito  
sì nel cammin, che vòlt'è per paura;  
e temo che non sia già smarrito,  
ch'io mi sia tarde al soccorso levata,  
per quel ch'io ho di lui nel cielo udito

Or movi, e con la tua parola ornata  
e con ciò c'ha mestieri al suo campare,  
l'aiuta sì ch'ï ne sai consolata.<sup>25</sup>

Dirimidas as inquietações do poeta florentino os dois poetas nessa altura já se encontram as portas do inferno em que se lê numa espécie de placa,

Per me si v ala città dolente,  
per me si va ne l'eterno dolore,  
per me si va tra la perduta gente.  
Giustizia mosse il mio alto fattore;  
fecemi la divina podestate,  
la somma sapienza e l'primo amore  
Dinanzi a me non fuor cose create  
se non etterne, e io eterno duro.  
Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate

---

<sup>25</sup> Se entendi bem as tuas palavras, respondeu aquela magnânima sombra “ a tua alma está ofendida pela indignidade; que obstaculiza o homem muitas vezes; fazendo-o desistir do seu escopo a falsa visão de feras que o assusta. Para que te liberte deste temor te direi por que estou aqui para te ajudar e o que ouvi no primeiro momento onde mostrei piedade diante da tua condição. Me encontrava no limbo quando uma mulher beata e bela apareceu-me, de tal forma que me coloquei a disposição para te ajudar. Seus olhos brilhavam mais que as estrelas e começou a me falar suave e lentamente e com voz de anjo soava suas palavras. Oh! Alma cortês mantuana cuja fama ainda perdura e perdurará no mundo por todo sempre, o meu amigo que me amou desinteressadamente está sentindo dificuldades no seu caminho e por isso pensa em retornar, já perdido a ponto que chegasse tarde para socorrê-lo pois só agora soube no céu acerca disso. Então vais e com a tua eloquência sendo isso necessário para que possa salvá-lo e eu assim me console.

## O rio Aqueronte e seu barqueiro: um encontro com o mundo clássico

A leitura dos dizeres estampados à porta do Inferno deixam o poeta amedrontado, cabendo ao guia esclarecer mais uma vez as suas inquietações, e nesse momento passa-se de explicação para uma espécie de conselho. “ ... Aqui convém deixar qualquer temor, é preciso deixar a vileza de lado, o lugar é de dor” [...] e ali Dante deixará a luz e irá ao encontro das secretas coisas. Inicia uma atmosfera de lamentos, gemidos, assim como de ofensas a Deus, e eis o inferno de fato; as línguas diversas com as quais o poeta parece perceber os lamentos dos pecadores transformam o espaço em lugar de pena universal, e de repente os dois chegam à beira do rio Aqueronte.

O rio Aqueronte dantesco tem as mesmas características do Aqueronte presente na mitologia greco-romana, esse rio tem como seu guardião a figura de Caronte demônio guardião, o barqueiro responsável por atravessar as almas à outra margem mediante pagamento. Se trata de uma divindade ctonia (que vive sobre a terra) filhos da Sombra e da Noite, na Eneida assim é descrita a sua função,

Haec omnis, quam cernis, inops inhumataque que turbast  
Portitor ille Charon; hi, quos vehit unda, sepulti.  
Nec ripas datur horrendas et rauca fluente  
transportare prius, quam sedibus ossa quierunt<sup>26</sup>  
Na Comédia lemos,  
Caron dimonio, con occhi di bragia  
loro accennando, tutte le raccoglie;  
Batte col remo qualunque s'adagiai<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Toda essa turba que vês sem rouba e sem sepultura o trajeto delas quem faz é Caronte; para a riba só passa quem ele deseja. (Aeneida, canto VI, 325-328).

<sup>27</sup> Caronte demônio de olhos em brasa acena a eles, junta-os e acerta com o remo qualquer um que se precipita. (Inf: III canto 109-111).

A aparição de Caronte, demônio presente na Eneida, faz o canto apresentar uma certa similaridade com o dantesco, sobretudo no momento da percepção da natureza corpórea de Eneias, presente no *locus* destinado exclusivamente aos mortos,

Quisquis es, armatus qui mostra ad flumina tendis,  
Fare age, quid vênias, iam istinc, et comprime gressum.  
Humbrarum hic locus est, somni noctisque soporae  
Corpora viva nefas Stygia vectare carina<sup>28</sup>

Em Dante Caronte assim diz sobre a natureza corpórea dos visitantes,

E tu che se' costì, anima viva,  
pártiti da costesti che son morti,  
disse: "per altra via , per altri porti  
verrai a piaggia, non qui, per passare:  
più lieve legno convien che ti porti"<sup>29</sup>

Caronte, demônio das epopeias clássicas, na Comédia, embora tendo a mesma função mítica – a de transportar no seu barco os mortos – conduzirá aqueles envolvidos no pecado, aí mora a inovação dantesca em relação a esse mito presente em Virgílio. A entrada do demônio em cena, por sua vez, segue rigorosamente o esquema de entrada ao mundo dos mortos presente na epopeia virgiliana, Chiavacci sobre isso dirá:

Dante segue dunque il suo Virgílio – non a caso scelto a

---

<sup>28</sup> Seja lá quem for que em armas se dirige a essas águas, dizei-me porque aqui vens rápido e apressa o passo. Este lugar pertence às almas mortais e da noite perene, os corpos vivos é um sacrilégio transportá-los sobre o barco até o Estige (Aeneida, canto VI, pp. 388-391).

<sup>29</sup> E tu que está aí alma viva, se distancia desses que já estão mortos. Por uma outra estrada, por outros portos alcançarás a outra margem, não aqui, é necessário que um barco mais leve te leve. (Inf: canto III, 88-93).

guida dell'oltremondo – ripetendone bem apertamente, e ben valutamente, lo schema narrativo dell'entrata, del timore, della scena culminante ala riva dell Acheronte. Ma sull'antico tronco tutto appare nuovo e diverso. Il forte e giovone volgare italiano, e il variabilissimo endecasillabo, si modellano e si strutturano con straordinaria energia a confronto con l'armoniosa onda dell'esametro virgiliano<sup>30</sup>

No final do canto, diante da manifestação contrária do barqueiro de transportá-los, segue-se um tremor de terra e Dante cai num profundo sono. Recobrada a memória o poeta vê-se do outro lado do Aqueronte, já no limbo, cujas características são diferentes das descritas anteriormente, ali se encontram as almas dos não batizados e daqueles que não conheceram Deus. E o seu guia lhe revela o espaço, "... Agora quero que saiba, antes de seguirmos, esses que estão aqui não pecaram, mesmo tendo merecimentos não bastou, porque não foram batizados, e o batismo é a porta da fé que tu professas; mesmo no alvorecer do cristianismo, onde muitos viveram, não adoraram a Deus devidamente e entre esses eu sou um..." (Inf: IV, vv 33-39).

A descrição do limbo é um dos momentos de maior encontro do poeta florentino com o mundo antigo greco-romano, diz Virgílio: "... Observa aquele com a espada na mão, se opondo diante dos outros três: Ele é Homero poeta soberano, o outro é Horácio autor das sátiras, o terceiro é Ovídio e o último Lucano..." (Inf: IV, vv 86-90).

---

<sup>30</sup> Dante segue então o seu Virgílio – não por acaso o escolheu como guia ao além-túmulo- repetindo abertamente o esquema narrativo da entrada, do temor e da cena culminante à margem do Aqueronte. Em comparação ao modelo antigo, tudo parece novo e diferente. A forte e jovem língua vulgar, e o variabilíssimo decassílabo se modelam e se estruturam com a extraordinária energia se confrontado com o harmonioso hexâmetro do vocabulário virgiliano (CHAIVACCI, 2007, p. 74).

## Referências

- ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Trad. Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2005. Título original: La Divina Commedia.
- ALIGHIERI, Dante. Dante Lírica. Trad. Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. Título original: Rime / Vita Nuova.
- ALIGHIERI, Dante. Rime. Milano: Bur Rizzoli, 2004.
- ANGIOLILLO, Giuliana. Un'isola "autobiografica" Viaggio nella medievalità di Dante. Ed. Salerno: Salerno, 1994.
- ARISTOTELES. Poetica. A cura de Andrea Barabino. Milano: Mondadori, 2009.
- AUERBACH, Erich. Studi su Dante. 5 Ed. Trad. Maria del Pieri Bonino. Milano: Feltrinelli, 2009.
- BIONDOLILLO, Francesco. Le rime Amoroze di Dante. Firenze: Casa G. D' Anna, 1964.
- BORSELLINO, Nino. Ritratto di Dante. Roma: Laterza, 1998.
- BOYDE, Patricky. Retorica e stile nella lírica di Dante. Trad. Corrado Calenda. Napoli: Liguori, 1979. Título original: Dante's Style in his Lyric Poetry.
- FERRONI, Giulio. Storia della Letteratura Italiana: Medioevo Latino e Letterature Romanze. Ed. Milano: Mondadori, 2002.
- GORNI, Guglielmo. Dante: Storia di un visionario. Ed. Roma: Laterza, 2009.
- LEDDA, Giuseppe. Dante. Ed. Bologna: Il Mulino, 2008.
- LEONARDI, A. M. C. (Org.). In: ALIGHIERI, Dante. La Divina Commedia: inferno 1 Ed. Milano: Mandadori, 2005.

LEONARDI, A. M. C. (Org.). In: ALIGHIERI, Dante. La Divina Commedia: purgatório. 1 Ed. Milano: Mandadori , 2005.

LEONARDI, A. M. C. (Org.). In ALIGHIERI, Dante. La Divina Commedia: paradiso. 1 Ed. Milano: Mandadori, 2005.

HOMERO, *Íliada/Homero*; tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndice de Peter Jones; introdução e edição de 1950 E.V.Rieu – 1 edição - São Paulo: Peguin Classics/Campanhia das letras, 2015. II Estudos dantescos.

MALATO, Enrico. Dante. Ed. Roma: Salerno, 1999.



